

terr@

terr@¹

edson passetti & acácio augusto

Antes...

“Rock in a hard place”, por Rolling Stones.

Prólogo: paisagem imaginária.

“Imaginary Landscape N° 1”, por John Cage.

Cena 1: a Terra é azul.

Gus:

Em cada dia, recém-vindo, sou e me prolongo como fruto não amadurecido.

Edson Passetti é coordenador do Nu-Sol, professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Coordena o Projeto Temático Fapesp: Ecopolítica. Acácio Augusto é pesquisador no Nu-Sol, doutorando em Ciências Sociais na PUC-SP e professor de Ciência Política no Curso de Relações Internacionais da FASM.

Salete:

É impossível.

Gus:

É?

Salete:

O dia, as estações do ano, o que se convencionou como cultura, informa que é impossível o fruto não amadurecido, senão como uma metáfora.

Gus:

Só eu posso dizer que sou uma árvore livre para não dar frutos.

Salete:

Mas a filosofia, a ciência e o mais ignorante responderão: na natureza há um ciclo.

Gus:

Eu sou a natureza que a civilização recusa reconhecer.

Salete:

No princípio era a escuridão, ou a grande explosão. Irremediavelmente viemos da escuridão ou da claridade, do silêncio insuportável ou do intolerável estrondo.

Gus:

Aurora e crepúsculo, dia e noite: fruto não amadurecido. Definitivamente, para sua decepção, não tenho origem. Não me interessa por isso. Sou o fruto não amadurecido da árvore livre para não frutificar.

Lili/Cecília/Sofia/Aline/Joana/Talita:

“A Terra é azul.”²

Acácio:

Para ser um artista “acho que é preciso estar totalmente em harmonia com seu tema. O tema deve nos absorver

terr@

completamente. Senão, se você não tem um tema que o obceca e atormenta interiormente, você cai na decoração. Você pode até procurar, beber em todos os livros e naquilo que o cerca, mas isso não basta. (...). Eu preciso de coisas que me toquem profundamente. E isso nem sempre funciona.”³

Bia:

É difícil ser artista?

Acácio:

“Não convém a um ego muito grande...”⁴ “É ‘se deixar levar’, ‘ficar à deriva’. (...) Passei toda a minha vida assim, à deriva.”⁵ “(...) Gosto daqueles que pesquisam, desmontam, desossam, inventam.”⁶ “(...) Trabalho sobre mim mesmo. (...) Fui sempre um otimista, mesmo não acreditando em nada. Quando morremos, não prestamos mais para nada. Só nos resta ser enfiados num saco plástico e jogados no lixo, compreende?”⁷

Bia:

“Há o nascimento e a morte. Entre os dois, há a vida. Ponto final, isso é tudo?”⁸

Gus:

“O que eu gosto do teu corpo é sexo
O que eu gosto do teu sexo é a boca
O que eu gosto da tua boca é a língua
O que eu gosto da tua língua é a palavra.”⁹

Cabelo/Lili:

“O cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim.”¹⁰

(Cada um do elenco tira uma peça de roupa).

Cena 2: Matéria escura.

Bia:

“Poucos meses depois de Einstein ter dado os toques finais

à relatividade geral, Schwarzschild conseguiu aplicar a sua teoria para captar a maneira exata como o espaço e o tempo se curvam na vizinhança de uma estrela perfeitamente esférica.

Aline:

Ele demonstrou que se a massa de uma estrela estiver concentrada em uma região esférica suficientemente pequena para que o resultado da divisão da sua massa pelo seu raio seja maior do que determinado valor crítico, o encurvamento do espaço-tempo assim produzido será de tal modo radical que nada que esteja muito próximo à estrela, nem mesmo a luz, é capaz de escapar da sua atração gravitacional.

Lili:

Como nem mesmo a luz pode escapar dessas ‘estrelas comprimidas’, elas foram inicialmente denominadas estrelas escuras, ou frias. Posteriormente, John Wheeler deu-lhes um nome mais atraente — buracos negros.

Sofia:

Negros porque esses objetos não podem emitir luz e buracos porque qualquer coisa que esteja muito perto cai dentro dele e nunca mais sai.

Lili:

Por exemplo, se você mergulhasse, com os pés à frente, no horizonte de eventos, à medida que você se aproximasse do centro do buraco negro sentiria um desconforto cada vez maior.

Cabelo:

A força gravitacional do buraco negro aumentaria em uma proporção tão gigantesca que os seus pés seriam puxados com muito mais intensidade que a sua cabeça (uma vez que os seus pés estarão sempre um pouco mais perto do centro do buraco negro); tanta intensidade mais, na verdade, que você seria esticado com uma força que rapidamente rasgaria seu corpo em tiras.”¹¹

terr@

Salete:

“O cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim.”

Aline:

“Para a grande surpresa [de Einstein], quando as equações são aplicadas em um contexto maior do que o de um local específico do universo como um planeta ou um cometa em órbita de uma estrela, chega-se a uma conclusão espetacular: o tamanho do universo espacial [muda] com o tempo. (...)”

Cecília:

Essa conclusão era demasiado estranha mesmo para Einstein. Ela destruíra a intuição coletiva sobre a natureza do espaço e do tempo, formada pela humanidade ao longo de milhares de anos. (...)”

Lili:

Doze anos depois (...) através de medições pormenorizadas de galáxias distantes, o astrônomo norte-americano Edwin Hubble comprovou experimentalmente que o universo está em expansão. Em uma história hoje famosa nos anais da ciência, Einstein voltou à forma original das suas equações, referindo-se à constante cosmológica como o maior erro da sua vida. (...)”

Cabelo:

Caminhando para trás, o tecido do espaço se encolhe e as galáxias se aproximam cada vez mais uma das outras. O encolhimento do universo faz com que as galáxias se comprimam e, tal como em uma panela de pressão, a temperatura aumenta extraordinariamente, as estrelas se desintegram e se forma um plasma superaquecido, composto pelos constituintes elementares da matéria.

Aline:

À medida que o tecido espacial continua a encolher-se, a temperatura e a densidade do plasma primordial continuam a elevar-se.

Lili:

(...) O cosmos reduz-se ao tamanho de uma laranja, de um limão, de uma ervilha, de um grão de areia e a volumes cada vez menores.

Bia:

Extrapolando esse percurso até *o começo*, o universo pareceria ter se iniciado como um ponto (...) no qual toda a matéria e toda a energia estariam contidas, a uma densidade e temperatura inimagináveis. Acredita-se que uma bola de fogo cósmica, o *big-bang*, irrompeu dessa mistura volátil e espargiu as sementes do universo em que hoje vivemos.

Salete:

(...) O *big-bang* é justamente a irrupção do espaço comprimido, cujo desdobramento, como a onda de um maremoto, arrasta consigo a matéria e a energia até os dias de hoje.”¹²

Gus:

Para quê perder tempo buscando uma origem que jamais será alcançada? O cosmos existe, é o caos e isso é tudo. Não há princípio nem fim, nem ordem.

Bia:

“Todas as tentativas de explicar a natureza do universo sem recorrer à matéria escura falharam deploravelmente.”¹³

Sofia:

“Os cosmologistas acreditam agora que, enquanto as regiões centrais de galáxias espirais consistem grande parte em estrelas comuns, suas margens são dominadas por matéria escura que não podemos ver diretamente.

Cecília:

Mas um dos problemas fundamentais agora é descobrir a natureza da forma dominante de matéria escura nessas regiões externas das galáxias. (...)

terr@

Sofia:

Entretanto, estudos recentes sobre a formação das galáxias levaram os cosmologistas a acreditar que uma fração significativa da matéria escura deve ter forma diferente da matéria comum.”¹⁴

Cabelo:

“Ninguém ainda conseguiu decifrar a identidade da matéria escura e menos ainda a sua massa real. [O] destino do nosso universo [permanece] incerto.”¹⁵ Descobrir a identidade da matéria escura também não dará ordem aos caos.

Gus:

“No firmamento que olhamos de noite, as estrelas resplandecem circundadas por uma densa treva.

Acácio:

Uma vez que no universo há um número infinito de galáxias e de corpos luminosos, o escuro que vemos no céu é algo que, segundo os cientistas, necessita de uma explicação.

Gus:

(...) No universo em expansão, as galáxias mais remotas se distanciam de nós a uma velocidade tão grande que sua luz não consegue nos alcançar.

Acácio:

Aquilo que percebemos como o escuro do céu é essa luz que viaja velocíssima até nós e, no entanto, não pode nos alcançar, porque as galáxias das quais provém se distanciam a uma velocidade superior àquela da luz.”¹⁶

Acácio/Gus:

“a Terra não es-capa do
céu . Voe pra baixo ou
voe pra cima, o céu continua a
invadi-la, energizando-a.”¹⁷

Salete:

“A Terra é azul.”

Bia:

“O cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim.”

“*Pulsar*”, por Caetano Veloso.

Cena 3: Mulher.

Aline:

“O chão das estrelas me pareceu tenebroso e rijo no céu dos homens, mas, em suas mãos estreitas, li a luta dessas estrelas convidando outras: emigrantes da ponte, sonhadoras ainda; recolhi seu suor dourado, e por mim a terra parou de morrer.”¹⁸

Cena 4: Homens.

Cabelo:

“A natureza é infinita, na variedade de suas obras.

Acácio:

Essa fecundidade do poder criador, sempre novo e sempre imprevisto, sempre luxuriante e cheio de harmonia, foi para o homem, desde o começo, uma fonte permanente de inspiração e de entusiasmo, ao mesmo tempo que uma fonte inesgotável de conjeturas.

Cabelo:

À vista de suas admiráveis maravilhas, o pensamento humano, confundido, refugiou-se (...): e dessa contemplação primitiva nasceram as inúmeras religiões.”¹⁹

terr@

Gus:

“Primeiro os homens projetaram-se na natureza: em toda parte viram a si mesmos e seus iguais, isto é, suas características más e caprichosas, como se estivessem escondidas entre nuvens temporais, animais de rapina, árvores e plantas: naquele tempo inventaram a ‘natureza má’.

Cabelo:

Depois veio a época em que novamente se imaginaram fora da natureza, a época de Rousseau: estavam tão fartos uns dos outros, que quiseram possuir um canto a que não chegasse o homem e seu tormento, inventaram a ‘natureza boa’.”²⁰

Gus:

“ (...) Compreende-se porque Rousseau, que pregava a tolerância, achava, contudo, que era preciso condenar à morte os ateus.”²¹

Acácio:

“Tendo-se feito do espiritual (juntamente com todos os impulsos, maldades, inclinações) uma propriedade comum e, portanto, vulgar, não se sentia vergonha em descender de animais ou árvores (as linhagens *nobres* viam-se honradas por essas fábulas) e não enxergava-se no espírito aquilo que nos une à natureza, [mas] o que nos separa.”²²

Gus:

“(...) Ainda somos criaturas da consciência (...). O que atrai para cima, ‘arrasta para baixo’: apenas como criaturas *dessa* consciência sentimo-nos parentes da retidão e piedade (...).”²³

Cabelo:

“O que é tão difícil para os homens compreenderem, dos mais remotos tempos até hoje, é sua ignorância sobre si mesmos!”²⁴

Andre (em off):

A certos “jovens não falta caráter, nem talento, nem diligência: mas nunca lhes deixaram tempo para dar a si

mesmos uma direção; pelo contrário, desde a infância foram habituados a receber uma direção.”²⁵

Acácio:

“Entre os selvagens, a ideia de ser objeto de compaixão causa um frêmito moral: significa não ter nenhuma virtude. Oferecer compaixão significa desprezar. (...) Ele mata o indivíduo valente, quando pode fazê-lo, dando a este *indomável* a sua última honra.”²⁶

Gus:

“Agora os adutores servis não devem ser buscados na vizinhança dos príncipes — esses têm o gosto pelas coisas militares que repugna ao adador. É na vizinhança de banqueiros e artistas que ainda cresce esta flor.”²⁷

Acácio:

“O criminoso descoberto não sofre com o crime, mas com a vergonha ou o dissabor por uma estupidez cometida ou contra a privação da vida habitual, e é necessária uma rara sutileza para distinguir esse ponto. Quem vai muito a prisões e a reformatórios surpreende-se como é raro ali encontrar um inequívoco ‘remorso’: mais frequente, ao contrário, é a nostalgia do bom e velho crime.”²⁸

Cabelo:

“Sim, nossos primeiros ancestrais, [foram] senão gorilas, pelo menos primos muito próximos dos gorilas, dos onívoros, dos animais inteligentes e ferozes, dotados, em grau maior do que o dos animais de todas as outras espécies, de duas faculdades preciosas:

Todos:

a faculdade de pensar e a necessidade de revoltar-se.”²⁹

“*Piano preparado*”, por John Cage.

terr@

Cena 5: Inverno.

Abertura: (... a cena transcorre conversando com a música ao fundo: entre nessa).

“*Dream*”, por John Cage.

Acácio/Gus:

“Hamm: Leve-me para baixo da janela (*Clov vai até a cadeira*) Quero sentir a luz no meu rosto (*Clov empurra a cadeira*) Você se lembra, no começo, quando você me levava para dar uma volta? Segurava a cadeira bem no alto. A cada passo quase me derrubava! (*Com voz trêmula*) Ah, nós nos divertimos muito, os dois, nos divertimos muito! (*Melancólico*) Depois virou hábito. (*Clov para a cadeira em frente à janela direita*) Pronto? (*Pausa. Reclina a cabeça. Pausa*) Ainda é dia?

Clov: Não é noite.

Hamm: (*Colérico*) Perguntei se ainda é dia.

Clov: É.

Hamm: A cortina não está fechada?

Clov: Não.

Pausa.

Hamm: Que janela é esta?

Clov: A terra.

Hamm: Tinha certeza! (*Colérico*) Nessa janela não há luz! A outra! (*Clov empurra a cadeira até a outra janela*) A terra! (*Clov para a cadeira sob outra janela. Hamm reclina a cabeça*) Isso sim é luz! Na certa é um raio de sol. (*Pausa*) Não?

Clov: Não.

Hamm: Não é um raio de sol que estou sentindo no meu rosto?

Clov: Não.

Pausa.

Hamm: Estou muito branco? (*Pausa. Com violência*) Perguntei se estou muito branco.

Clov: Não mais do que sempre.

Pausa.

Hamm: Abra a janela.

Clov: Para quê?

Hamm: Quero ouvir o mar.

Clov: Você não ouviria.

Hamm: Mesmo se você abrisse a janela?

Clov: Não.

Hamm: Então não vale a pena abrir?

Clov: Não.

Hamm: *(com violência)* Então abra! *(Clov sobe na escada, abre a janela. Pausa)* Abriu?

Clov: Abri.

Pausa.

Hamm: Jura que abriu?

Clov: Abri.

Pausa.

Hamm: Bom, é... *(Pausa)* Deve estar muito calmo. *(Pausa com violência)* Perguntei se está muito calmo!

Clov: Está.

Hamm: É porque não há mais navegadores. *(Pausa)* Perdeu a língua de repente? *(Pausa)* Não está se sentindo bem?

Clov: Estou com frio.”³⁰

Fim da música com passeio dos cegos.

Repetição com personagens invertidos.

“Clov: É porque não há mais navegadores. *(Pausa)* Perdeu a língua de repente? *(Pausa)* Não está se sentindo bem?

Hamm: Estou com frio.”

Cena 6: Política.

Thiago (em off):

“O que você diz sobre conflitos políticos?”

terr@

Gus:

Conflitos políticos são meras manifestações de superfície. Quando os conflitos aparecem, você pode certamente dominá-los, no sentido de deixá-los sem ação já que eles esperam se aproveitar da situação.

Ana (em off):

Ficar-se preocupando com conflitos políticos de superfície é cometer o mesmo erro do touro na arena, você está agredindo o pano. É para isso que serve a política, para lhe mostrar o pano. Justamente como o toureiro educa o touro, educa-o a seguir, a obedecer o pano.

Thiago (em off):

Quem manipula o pano?

Gus:

A morte.

Ana (em off):

O que é a morte?

Gus:

Um truque de show de mágica. Já chegou a hora desse truque nascimento/morte. Não pode durar muito mais, muitas pessoas estão se ligando.

Thiago (em off):

Você sente que tem havido uma mudança bem definida no modo de ser do homem?

Ana (em off):

Uma nova consciência?

Gus:

Eu sinto que a mudança, a mutação na consciência irá ocorrer espontaneamente logo que certas dificuldades hoje em vigor sejam removidas. Eu sinto que o principal instrumento de monopólio e controle, que impede a expansão da consciência,

é a palavra. Ela delimita o pensamento, a emoção e as impressões sensoriais do ser humano que a hospeda.

Thiago (em off):

E se removida, o que vem depois?

Gus:

O passo adiante deve ser dado em silêncio. (...) o homem deve se afastar das formas verbais para conquistar a Consciência, a qual está lá, pronta pra ser sentida, apalpada.

Ana (em off):

Como alguém dá esse ‘passo adiante’, você pode dizer?

Gus:

Passos adiante são dados largando a velha armadura, porque as palavras são fabricadas dentro de você — dentro da suave-máquina-que-escreve [e imagina], você não percebe a armadura-palavra que carrega.

Thiago (em off):

Parece que você termina aonde você começa, com política e sua nomenclatura: conflito, conquista, solução, monopólio, controle...

Gus:

Se você fala, sempre termina em política, não leva a lugar algum, quer dizer, o homem é estritamente fruto da ‘suave-máquina-que-escreve’ [e imagina].

Ana (em off):

E se as pessoas não quiserem mudar, não quiserem nenhuma nova consciência?

Gus:

(...) Não estaria em meu poder ou vontade converter um dinossauro relutante.”³¹

terr@

Cena 7: Silêncio.

Andre (em off):

Psiu.

Acácio:

Você me chamou ou pediu para ficar quieto?

Andre (em off):

Tô te chamando, para conversar em silêncio.

Acácio:

Eu sempre estive aqui.

Andre (em off):

...

Acácio:

Como é conversar em silêncio?

Andre (em off):

O silêncio tem sua sonoridade. Não é ausência de ruído, nem são os rumores miúdos. É a “massa de meus átomos”, que existe em mim não para compor a solidão, mas para compor com você.

Acácio:

Nada de conversa com o silêncio, nem *sobre* o silêncio. Presença do silêncio: entre, entre mim e você. Entre!

Andre (em off):

...

Acácio:

Produzir silêncios.

Andre (em off):

...

Acácio:

Em uma relação, quando estou de posse da massa de meus átomos, quando deixei de ser indivíduo, de ser sujeito, de ser a consciência...

Andre (em off):

Quando deixamos de ser a massa, a maioria, a minoria incluída ou excluída, para habitar o devir, onde não existe Eu, apenas mim, mim e você, e possíveis menores.

Acácio:

Fim do Iluminismo?

Andre (em off):

Mas não o fim da luz. A luz tem um som no seu silêncio, e não é iluminação, por não podermos alcançá-la, por vezes, ela é escuridão.

Andre (em off):

...

Acácio:

O que se faz em silêncio?

Andre (em off):

...

Acácio:

...

Andre (em off):

Habita-se.

Acácio:

...

Andre (em off):

Entre!

terr@

Cena 8: Relâmpago e reciprocidades.

Cabelo:

“Cada vez mais se temem os relâmpagos por seus efeitos destrutivos, ignorando seu poder de fertilizar a terra, estimular a vida e clarear trajetos obscurecidos pela noite.

Gus:

Esse medo passa longe da atitude de Zaratustra³²: “Não me basta que o raio não cause mais danos. Não é desviá-lo que eu quero: ele deve aprender — a trabalhar para mim.”³³

Gus:

“Sempre que coloco óculos nítidos, espanto-me em ver como os homens são feios e como é possível suportá-los.”³⁴

Acácio:

“A terra é bastante vasta para conter a todos nós em seu seio,

Gus:

é bastante rica para nos fazer viver na fartura.

Cabelo:

Pode dar muitas colheitas para que todos tenham o que comer;

Gus:

faz nascer muitas plantas fibrosas para que todos possam vestir-se;

Cabelo:

contém pedras e argila em abundância para que todos possam ter casas.”³⁵

Acácio:

“Tudo muda, tudo é móvel no Universo, porque o movimento é a condição mesma da vida.

Cabelo:

(...) A Natureza é mais calma nas suas obras, modera a sua força e as mais grandiosas transformações franzem-se sem o conhecimento dos seres que ela sustenta.

Gus:

Eleva as montanhas e enxuga os mares sem perturbar o voo de um mosquito.”³⁶

Todas as mulheres repetem:

“Eleva as montanhas e enxuga os mares sem perturbar o voo de um mosquito.”

Cena 9: Verão.

Música em toda cena.

“*Summer (from the seasons)*”, por Jonh Cage.

Lili:

“Todo mundo tem de ser diferente. Você não pode copiar uma pessoa e fazer algo bom. Se você copia, significa que está trabalhando sem nenhum sentimento autêntico. E sem sentimento, tudo o que fizer não dá em nada. Não existem duas pessoas iguais na Terra, e tem de ser assim na música, ou não é música. Nunca vou esquecer aquele maravilhoso ancião espanhol Pablo Casals, que tocou violoncelo certa vez na televisão. Quando terminou uma peça de Bach, foi entrevistado por uma garota americana. — Toda vez que o senhor toca é diferente. — ela falou efusivamente. — Tem de ser diferente — disse Casals. — Como poderia ser de outra maneira? A natureza é assim. E nós somos parte da natureza.”³⁷

Bia:

“Não me procures ali
Onde os vivos visitam

terr@

Os chamados mortos.
 Procura-me
 Dentro das grandes águas
 Nas praças
 Num fogo coração
 Entre cavalos, cães,
 Nos arrozais, no arroio
 Ou junto aos pássaros
 Ou espelhada
 Num outro alguém,
 Subindo um duro caminho
 Pedra, semente, sal
 Passos da vida. Procura-me ali.
 Viva.”³⁸

Lili/Bia:

Viva.

Todos:

Viva.

Cena 10: Respiração.

“*Missa Criolla, Kyrie*”, de Ariel Ramirez, por George Dalaras.

Cabelo:

“A propriedade é hoje a raiz de todo o mal. Ela causa o sofrimento dos que a possuem e dos que não a possuem. O perigo dum conflito entre os que dispõem do supérfluo e os que vivem na pobreza é inevitável. Todo o mal começa com a propriedade. Enquanto o Estado defender este princípio, ele age (...) anti-socialmente e — desde que a propriedade representa aos seus olhos uma falta em relação a outros — não só se torna cúmplice como é mesmo o principal culpado. Os Estados e os governos entram em guerra, ora para possuir as margens do Reno ou terras na África, ora na China e

nos Bálcãs; os banqueiros, os comerciantes, os fabricantes e os proprietários rurais não trabalham, não fazem projetos e não atormentam, a si e aos outros, senão pelo desejo de possuir. Levados pelo mesmo desejo os empregados lutam, enganam, oprimem e sofrem. Nossos tribunais e nossa polícia sustentam a propriedade. Nossas colônias penitenciárias e prisões, todos os erros que chamamos ‘repressão do crime’, somente existem para proteger a propriedade.”³⁹

Fim da música

Aline:

“O [jornal] Mother Earth, [em seu primeiro número, de 1906, declara que] fará esforços para atrair e apoiar os que se opõem à usurpação da vida pública e individual.

Salete:

Apoiará os que lutam por algo maior, cansados do lugar-comum;

Aline:

os que sentem que a estagnação é um peso morto no passo firme e elástico do progresso;

Cecília:

os que respiram livremente apenas em espaços ilimitados;

Sofia:

os que anseiam pela sombra de uma nova aurora para uma humanidade livre do medo de querer, do medo de morrer de fome diante das montanhas de riquezas.

Todos:

A terra livre para o indivíduo livre!”⁴⁰

Cabelo:

“O cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim.”

terr@

Cena 11: Da guerra.*Na trincheira*

Gus:

Enfiados nessa trincheira de merda, com esse barulho insuportável, eu fico pensando o que estamos fazendo nesse buraco? Defendendo a nação? Me responde...

Cabelo:

Esse é o buraco onde não há prazer. Só morte anunciada, adiada.

Gus:

Quero sair daqui.

Cabelo:

Não há saída. Nós somos apenas soldados, feitos para atirar, rastejar, criar e cair em emboscadas... Matar, morrer e esperar por uma correspondência.

Gus:

Eu só quero é sair desse buraco! Já estou esquecido até das pessoas que amei, sujo e machucado; fedido e com fome; doido por uma bebida, um cigarro.

Cabelo:

“Para nenhum homem a terra é tão importante quanto para um soldado. Quando [me] comprimo contra ela, com violência, quando nela enterro profundamente o rosto e os membros, na angústia mortal do fogo, ela é [meu] único amigo, [meu] irmão, [minha] mãe.

Gus:

Nela [eu abafado meu] pavor e grit[o] no [meu] silêncio (...); ela [me] acolhe (...) e volta a [me] abrigar: [talvez] para sempre!”⁴¹

Cabelo:

Então me abrace, ou morreremos sós.

O agente da bomba

Andre (em off):

Minha missão é simples: sobrevoo, lanço a bomba e volto. Simples. Gosto de ser piloto, de pôr esse gigante no ar, de ser seu condutor. Eu sozinho domino o avião, ele faz tudo que eu ordeno. Soltei muitas bombas sobre navios, trincheiras; participei de batalhas aéreas, bombardeei campos e cidades, alvos estratégicos para abalar o moral dos soldados, a indústria inimiga e amedrontar populações. Minha missão, agora, é grandiosa: o ato final que cessará a guerra. É mais que a revanche a *Pearl Harbour*, é acabar com a intenção de Estados se armarem contra nós. É a bomba da paz. E sou eu que irei lançá-la.

“Rosa de Hiroshima”, por Secos & Molhados.
Elenco de mulheres canta junto.

Na guerrilha

Acácio:

Enfiado nessa gaiola na floresta, de onde ninguém me tira, nem napalm, nem qualquer idiota... (*para o algoz*) Eu vou te pegar! O que você fará? Responda se ainda tiver cú!

Acácio (em off):

Não seja superior. Você é minha presa! E aí guerrilheiro?

Acácio:

Não sou superior nem inferior, sou eu, na mata ou na cidade, com meu fuzil ou na barricada, morro lutando e não sou de ninguém.

terr@

Acácio (em off):

Era. Agora é o prisioneiro. Quero ver você escapar de mim!

Acácio:

O meu sangue e o seu podem correr, mas ninguém é de ninguém, não sou sua propriedade, nem da nação, nem do Estado, de ninguém. Estou sob sua força, mas seu poder não me atingirá.

Acácio (em off):

Prove!

Acácio:

Não há o que provar.

Acácio (em off):

Você está preso! Fuja!

Acácio:

Sou o prisioneiro, mate-me ou aprenda que o insuportável é indestrutível. Cedo ou tarde, outros chegarão.

Acácio (em off):

Mato? Você quer morrer, é isso que você quer?

Acácio:

Perdi o medo da morte, faz tempo.

Acácio (em off):

Então, *bye bye*. (*pausa*) Você tem certeza que prefere morrer?

Acácio:

Entre ser prisioneiro e morrer, eu prefiro a morte.

Acácio (em off):

Você não entende nada de história. Eu te deixarei vivo!
Vivo!

Acácio:

Você me mantém vivo sob o poder das convenções internacionais. Você não tem poder! Você é o prisioneiro da minha vigilância.

Acácio (em off):

Mas estou do outro lado da gaiola.

Acácio:

Quando os meus chegarem, serei libertado. Você, ou morrerá ou virá para dentro da gaiola!

Acácio (em off):

(*O algoz irado, berra*) Fuja!

Acácio:

(*Rindo*) Aguarde quando escurecer...

Definição

Gus:

No futuro imagino essa definição de guerra dada pelos historiadores:

Bia:

“Por guerra, entende-se um fenômeno cultural determinado, uma distribuição específica de violências, aparecida vários séculos antes de Jesus Cristo entre o Tigre e o Eufrates, no momento de formação dos primeiros grandes Estados, e morta mais ou menos no mesmo lugar no início do século XXI.

Aline:

A guerra [um conflito armado, público e justo] mudou a tal ponto de aspecto que é preciso admitir que o que foi pensado sob o seu nome durante séculos praticamente desapareceu. Neste sentido, a guerra não existe mais (...)

terr@

Lili:

[Você objetará,] evidentemente, os atentados terroristas de Nova York, Madri, Londres, a situação ‘explosiva’ no Cáucaso ou no Oriente Médio, ou ainda alguns países da África ou da América do Sul, dilacerados por intermináveis conflitos internos, o atual Iraque ‘liberado’ e fortemente desestabilizado, etc.

Bia:

Contudo, eu jamais quis dizer, com ‘a guerra não existe mais’, que a humanidade enfim entrou na idade da paz perpétua. (...) Foi outra coisa que se produziu: o fim da guerra e a emergência dos *estados de violência*.⁴²

Start

Thiago (em off):

As coordenadas dão nota de míssil no alvo previsto. Em 20 segundos, 10 segundos... Acione imediatamente o interceptador. (*Pausa*). Uau! Conseguimos!

Cabelo:

Outro! Outro. Outro. Agora! Uau! Perfeito!

Sofia:

Essas máquinas são incríveis, me sinto em casa, é um videogame de verdade.

Cabelo:

Errado, aqui a gente está dentro do jogo.

Sofia:

E quando fizer *game over*?

Cabelo:

Não vai dar mais tesão jogar em casa. Isso é coisa de criança. O jogo não pode acabar.

Sofia:

Quero continuar enxergando no escuro, identificando o calor dos corpos em movimento, preciso disso, não pode parar! Entusiasmei-me e acostumei-me com o monitoramento remoto.

Cabelo:

Isso é melhor que o ácido que os caras tomavam no Vietnã, é muito mais tesão.

Thiago (em off):

Saiam daí, um míssil se aproxima!

Silêncio

Thiago (em off):

Game over.

Os novos “soldados”.

Acácio:

Como você veio parar nessa batalha?

Gus:

Na minha terra ou a gente entra na guerra do crime, vira polícia ou traficante, tanto faz, ou arruma um emprego numa missão de paz da ONU.

Acácio:

Depois de reformado, não aguentei ficar longe disso. Eu me inscrevi como mercenário numa empresa de segurança para o exército. Ganho uma grana e me divirto. *Start.*

Gus:

Eu ganho uma grana e não sei o que acontecerá quando eu voltar. Aqui eu converso com minha esposa pela internet e faço planos... Se eu não voltar ela será mais uma das jovens viúvas, amparada por um soldo.

terr@

Acácio:

Eu só quero grana, diversão e mulher. Fui educado para isso, e vou morrer fazendo isso.

Gus:

Eu não quero morrer. Eu quero regressar, ter filhos e envelhecer na minha terra, talvez abra um bar. Aí, se eu escapar da guerra do crime, viverei. Com medo, com mais medo do que estou aqui.

Thiago (em off):

Atenção! Míssel nesta direção!

O homem bomba e o kamikaze.

Bia:

Não há mais a ética de soldados, na sua infundável troca de mortes, pelo confronto de corpos, baionetas, balas...

Aline:

Não há mais contabilidade de baixas, a batalha se resume a alvos cirúrgicos e a efeitos colaterais. Tudo comandado por programas. Enfim, ampliou-se o raio de alcance do velho canhão.

Lili:

O avião é uma bomba em potencial. Ninguém mais duvida. O kamikaze ainda era um militar que em nome de uma honra e na situação limite da guerra, oferecia sua morte ao imperador, atirando seu avião sobre *destroyers*, encouraçados, porta-aviões, alvos militares.

Bia:

Agora, um avião comercial, comandado por um soldado de Alá, atinge alvos simbólicos e população civil, em nome de uma guerra santa. Oferece sua morte como mártir, esperando o paraíso recheado de virgens.

Cecília:

Não há mais a ética do soldado que lutava por uma nação, convenções internacionais ou tratados de paz. Jamais haverá a paz perpétua.

Talita:

Só estados de violência, que se refazem numa velocidade espantosa em nome da paz universal, imposta pelos combatentes fundamentalistas, do oriente e do ocidente.

Salete:

“Dentro de mim longitudes se alargam,
latitudes se estendem.
Ásia, África, Europa, são do leste;
coube ao Oeste a América.
Cintando a convexidade da Terra
passa o quente equador,
ao norte e ao sul curiosamente
giram as pontas do eixo terrestre,
dentro de mim é o mais longo dos dias,
o sol gravita em órbitas inclinadas
e não se põe durante muitos meses,
ao se alongar dentro de mim na hora devida
o sol da meia noite
mal se levanta acima do horizonte
e de novo mergulha,
dentro de mim zonas, oceanos, quedas d’água,
florestas, arquipélagos, vulcões...”⁴³

Cena 12: Ocean.

Sofia:

“Cunhambebe, o afamado chefe Tupinambá, acordou sobressaltado naquela manhã.

terr@

Cecília:

Tinha tido um pesadelo que não conseguia definir bem.

Sofia:

As imagens dançavam em sua cabeça.

Salete:

Estava numa nau portuguesa, vestido com uma pele de onça dentro de uma jaula, cruzando o mar. Ele gritava:

Bia:

‘Sou Cunhambebe e não estou mais vivo’.

Lili:

Sua tribo nadava atrás do barco e, aos poucos, ia sendo engolida pelas águas.

Sofia:

Saiu exasperado de sua cabana.

Cecília:

Viu sua gente se divertindo em torno dos restos de uma grande festa que ele, em sua providencial força, promovera na noite anterior.

Salete:

Passou uma vista de olhos ao redor e contemplou quinze cabeças de índios Maracaia, espetadas em estacas adornando sua cabana. Com uma certa condescendência, dirigiu-se a elas:

Bia:

‘Maracaia, inimigos dos Tupinambá, ontem estávamos fracos e recuperamos nossa força comendo nossos irmãos que estavam em vocês. Agora eles voltaram para casa. Amanhã seremos nós, os Tupinambá, que devolveremos a força dos Maracaia. Cada dia é uma batalha. Assim é a vida... a minha, a tua e a da capivara’.”⁴⁴

Aline:

“Em 20 de setembro [de 1519], partiu do porto espanhol de Sanlúcar de Barrameda o navegador português Fernão de Magalhães, com cinco embarcações (...).

Cecília:

Magalhães, então com quase quarenta anos de idade, estava servindo o rei espanhol Carlos V.

Aline:

A tripulação, composta em sua grande maioria por espanhóis e portugueses, contava com 265 homens.

Cecília:

Em dezembro, a expedição passou pelo Rio de Janeiro e, no dia 10 de janeiro de 1520, chegou ao Prata (...).

Sofia:

Depois de várias semanas de buscas infrutíferas, Magalhães constatou que se tratava da foz de um rio e não de uma passagem para o oeste. (...)

Aline:

Após treze meses de viagem conturbada, [Magalhães] descobriu, em 21 de outubro de 1520, o estreito que mais tarde levaria seu nome e que liga o Atlântico ao Pacífico.

Sofia:

Numa viagem de 27 dias, os navegantes foram atravessando às apalpadelas os quase 600 km desse canal perigoso, cheio de recifes traiçoeiros.

Lili:

À noite se lhes oferecia um estranho espetáculo: ‘Em terra apareciam em muitos sítios pontos de fogo, provavelmente, fogueiras acesas por seres humanos que nelas preparavam sua comida e se esquentavam’. Por isso, chamou a terra ao sul de sua rota de *Tierra del Fuego*.⁴⁵

terr@

Cena EXTRA: A revolução somos nós.

Gus:

“Mas é preciso alertar contra uma mudança irrefletida. Diante da questão: O QUE PODEMOS FAZER?, temos de nos perguntar COMO DEVEMOS PENSAR?, a fim de evitar que o discurso dos mais altos ideais da humanidade, proclamado atualmente por todos os programas partidários, continue a se produzir como expressão do contraste crasso com a vida prática da realidade econômica, política e cultural em todo mundo.

Bia:

(...) Nosso relacionamento com a natureza está marcado por um profundo transtorno.

Cabelo:

Existe a ameaça da destruição total da base natural sobre a qual repousa nossa existência.

Lili:

Estamos no melhor caminho rumo à aniquilação desta base, ao seguirmos um sistema econômico baseado na exploração desenfreada dessa base natural.

Gus:

É preciso dizer claramente que, nesse ponto, o sistema econômico capitalista privado que reina no Ocidente não se distingue fundamentalmente do sistema de capitalismo estatal instalado no Oriente. A aniquilação está acontecendo no mundo inteiro.

Aline:

A via de mão única da civilização industrial moderna estende-se desde o pólo da mineração até o dos depósitos de lixo. Cada vez mais, os ciclos de vida do sistema ecológico são sacrificados em nome do seu crescimento e expansão.”⁴⁶

Acácio:

“Comecemos pela REFLEXÃO DE CADA UM SOBRE SI MESMO.”⁴⁷

Voltar à formação do final da cena anterior.

Lili:

Tierra del Fuego!

Cena 13: O mar basta.

“*Ocean of sounds*”, por John Cage.

Salete:

“Procurei ouvir o que devia ser sempre a minha voz, tão fraca, tão distante, que era como o mar, como a terra, um calmo mar distante, moribundo — não, nada disso, nada de greve, nada de praia, nada de margem, o mar basta, sobram cascalhos e areia, sobra terra, mar também.”⁴⁸

Cena 14: Os companheiros no jardim.

Andre (em off):

“O homem não passa de uma flor do ar sustentada pela terra, maldita pelos astros, respirada pela morte; o sopro e a sombra de tal coalizão, por vezes, o sobrelevam.

Salete:

Nossa amizade é a nuvem branca preferida do sol.

Acácio:

Nossa amizade é uma casca livre. Não pode ser separada das proezas de nosso coração.

terr@

Bia:

Ali onde o espírito já não desenraiza mas replanta e cuida, nasce. Ali onde começa a infância do povo, amo.

Thiago (em off):

Século XX, o homem desceu ao máximo. As mulheres se iluminavam e se deslocavam rapidamente num superpatamar a que só nossos olhos tinham acesso.

Cabelo:

A uma rosa me uno.

Gus:

Somos ingovernáveis. Nosso único senhor propício é o Relâmpago, que ora nos ilumina, ora nos fende.

Lili:

Relâmpago e rosa, em nós, em sua fugacidade, para nos realizar, se juntam.

Gus:

Sou de relva em tua manhã, minha pirâmide adolescente. Eu te amo sobre tuas mil flores, de novo fechadas.

Sofia:

Disposta ao broto, cedendo-lhe o futuro, todo o esplendor da flor profunda. Teu duro segundo olhar, pode. Assim o gelo não o destruirá.

Cecília:

Não permitamos que nos roubem a parte da natureza que guardamos. Não percamos dela nem um fio, não cedamos nem um seixo de sua água. (...)

Acácio:

O crime cometido: uma furiosa vontade de nos ensinar a desprezar os deuses que vivem em nós (...)

Bia:

Ah! O poder de levantar-se de outra maneira.

Gus:

Digam, o que somos nos fará jorrar em buquê?

Salete:

Um poeta deve deixar pegadas de sua passagem, não provas.
Só os vestígios fazem sonhar. (...)

Cabelo:

O real, algumas vezes, mata a sede da esperança. É por isso
que, contra toda espera, a esperança sobrevive. (...)

Aline:

A História é apenas o avesso da roupa dos amos. (...)

Acácio:

Luzir e lançar-se — rápida faca, lenta estrela.

Bia:

Na explosão que experimentamos do universo, prodígio! Os
pedaços que caem estão vivos.

Gus:

Minha querida terra, tal pássaro carregado em fruto numa
árvore eterna, sou teu.

Aline:

O que seus invernos nos pedem é que levantemos pelos ares
aquilo que sem isso não passaria de limalha e bode expiatório.
O que seus invernos nos pedem, é que preludemos por
vocês ao sabor: um sabor igual ao que a civilização do fruto
canta sob sua redondeza alada.

Thiago (em off):

Isto me consola: quando estiver morto, estarei aí — desa-
gregado, repugnante — para me ver poema.

terr@

Gus:

Não preciso que minha lira me adivinhe, que meu verso desvele o que eu poderia ter escrito.

Salete:

O maravilhoso neste ser: toda fonte, nele, dá a luz um riacho. Com o menor de seus dons provoca uma tempestade de pombas.

Andre (em off):

Em nossos jardins preparam-se florestas.

Acácio:

Os pássaros livres não suportam ser observados. Em sua proximidade, sigamos obscuros, renunciemos a nós mesmos.”⁴⁹

Cena 15: “Na gafeira segue o baile calmamente...”

Elenco dançando.

“Mestre sala dos mares”, por Elis Regina.

FIM

Notas

¹ Aula-teatro 8. Pesquisa: Acácio Augusto, Aline Passos, Anamaria Salles, Beatriz Scigliano Carneiro, Cecília Oliveira, Edson Passetti, Eliane Knorr, Gustavo Ramus, Gustavo Simões, Leandro Siqueira, Luíza Uehara, Mauricio Freitas, Salete Oliveira, Sofia Osório e Thiago Rodrigues. Apresentação em 25 e 26 de outubro de 2010, reapresentação na programação de recepção aos novos calouros da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, no dia 24 de fevereiro de 2011. O texto aqui publicado se refere à apresentação de 26 de outubro de 2010. Com: Acácio Augusto, Aline Passos, Anamaria de Aguiar e Salles (Ana), Andre Degenszajn, Beatriz Scigliano Carneiro (Bia),

Cecília Oliveira, Eliane Knorr (Lili), Gustavo Ramus (Cabelo), Gustavo Simões (Gus), Joana Egypto (convidada), Salete Oliveira, Sofia Osório, Talita Vinagre (convidada) e Thiago Rodrigues. Produção gráfica: Andre Degenszajn. Operadora de luz: Anamaria de Aguiar e Salles. Operadora de som: Luíza Uehara. Assistências: Leandro Siqueira. Sonofonia: Vitor Osório (convidado). Preparação corporal: Joana Egypto e Talita Vinagre (convidadas). Texto e trilha musical: Acácio Augusto e Edson Passetti. Coordenação e ambientação: Edson Passetti.

² Iuri Gagarin, a bordo da Vostok I, em 12 de abril de 1961.

³ Franck Maubert. *Conversas com Francis Bacon*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro, Zahar, 2010, pp. 47-48.

⁴ Idem, p. 48.

⁵ Ibidem, p. 57.

⁶ Ibidem, p. 53.

⁷ Ibidem, p. 33.

⁸ Ibidem, p. 63.

⁹ Julio Cortázar “O que eu gosto do teu corpo...” in *Papéis inesperados*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010, p. 484.

¹⁰ Franck Maubert, 2010, op. cit., pp. 30-63.

¹¹ Brian Greene. “Os buracos negros, o Big Bang e a expansão do espaço” in *O Universo elegante: Supercordas, dimensões ocultas e a busca da teoria definitiva*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p. 352.

¹² Idem, pp. 352-378.

¹³ Charles Seife. “O universo escuro. O que aconteceu com a matéria?” in *Alfa e Omega – A Busca Pelo Início e o Fim do Universo*. Rio de Janeiro, Rocco, 2007, p. 109.

¹⁴ Stephen Hawking. *O universo numa casca de noz*. Tradução de Ivo Korytowski. São Paulo, Arx, 2002, p. 187.

¹⁵ Brian Greene, 1999, op. cit., p. 152.

¹⁶ Giorgio Agamben. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, Argos, 2009, pp. 64-65.

terr@

- ¹⁷ John Cage. *De segunda a um ano*. Tradução de Rogério Duprat e Augusto de Campos. São Paulo, Ed. Hucitec, 1985, p. 108.
- ¹⁸ René Char. “Lutadores” in *O nu perdido*. Tradução de Contador Borges. São Paulo, Iluminuras, 1995, p. 33.
- ¹⁹ Pierre-Joseph Proudhon. *Proudhon*. Paulo-Edgar A. Resende e Edson Passetti (orgs). Tradução de Célia Gambini. São Paulo, Ática, 1986, pp. 49-51.
- ²⁰ Friedrich Nietzsche. *Aurora*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2004, § 17.
- ²¹ Albert Camus. *O homem revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2003, p. 149.
- ²² Friedrich Nietzsche, 2004, op. cit., § 34, p. 35.
- ²³ Idem, § 4, p. 13.
- ²⁴ Ibidem, § 116, p. 88.
- ²⁵ Ibidem, § 178, p. 129.
- ²⁶ Ibidem, § 135, p. 105.
- ²⁷ Ibidem, §158, p. 118.
- ²⁸ Ibidem, § 368, p. 206.
- ²⁹ Mikhail Bakunin. *Deus e o Estado*. São Paulo, Nu-Sol/Imaginário, 1999, pp. 14-15.
- ³⁰ Samuel Beckett. *Fim de partida*. Tradução de Fábio de Souza Andrade. São Paulo, Cosac & Naify, 2002, pp. 120-124.
- ³¹ Entrevista de Willian Burroughs a Gregory Corso & Allen Ginsberg publicada no *Journal for the Protection of All People*, em 1961. Disponível em: <http://www.subcultura.org/geracao-beat/burroughs-beat-topmenu/225-b>
- ³² Beatriz Scigliano Carneiro. *Relâmpagos com claror: Lygia Clark e Helio Oiticica, vida como arte*. São Paulo, Imaginário/FAPESP, 2004, pp. 18-19.
- ³³ Friedrich Nietzsche. *Assim falou Zarathustra*. Tradução de Mario da Gama Silva. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998, p.337.
- ³⁴ Friedrich Nietzsche. *Sabedoria para depois de amanhã*. Tradução de Karina Jannini. São Paulo, Martins Fontes, 2005, p. 147.
- ³⁵ Élisée Reclus. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo, Imaginário, 2002, p. 73.

- ³⁶ Élisée Reclus. “Tudo muda — na vida física e na vida social!” in Edgar Leuenroth (org.). *Anarquismo: Roteiro da libertação social, antologia de doutrina crítica-história-informações*. São Paulo, CCS-SP/Achiamé, s/d, pp. 22-23.
- ³⁷ Billie Holiday. *Lady sings the blues: uma autobiografia dilacerada de uma lenda do jazz*. Tradução de Roberto Muggiati. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, pp. 52-53.
- ³⁸ Hilda Hilst. *Da Morte. Odes mínimas*. São Paulo, Globo, 2003, p.50.
- ³⁹ Liev Tolstói. *O pensamento vivo de Tolstói*. Tradução de Ligia Autran Rodrigues Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1976, pp. 17-18.
- ⁴⁰ Emma Goldman e Max Baginski. “Mother Earth” in *Mother Earth*. New York City, Emma Goldman, Publisher, vol. 1, n. 01, Março, 1906, pp. 01-03. (Tradução de Anamaria Salles)
- ⁴¹ Erich Maria Remarque. *Nada de novo no front*. Tradução de Helen Rumjaneck. Porto Alegre, L&PM, 2004, p. 50.
- ⁴² Frédéric Gros. *Estados de violência. Ensaio sobre o fim da guerra*. Tradução de José Augusto da Silva. Aparecida/SP, Ed. Ideias e Letras, 2009, p. 5.
- ⁴³ Walt Whitman. *Folhas das Folhas de Relva*. Tradução de Geir Campos. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 71.
- ⁴⁴ Hans Staden. *A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens*. Tradução de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro, Dantes, 1998, p. 9.
- ⁴⁵ Oswald Dreyer-Eimbcke. *O descobrimento da Terra*. Tradução de Alfred Josef Keller. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1992, pp. 137-138.
- ⁴⁶ Joseph Beuys. Conclamação à alternativa (1978) in *A revolução somos nós: 2010-2011*. São Paulo, Edições Sesc, 2010, pp. 49-50.
- ⁴⁷ Idem, p. 49.
- ⁴⁸ Samuel Beckett. *O inominável*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989, p. 24.
- ⁴⁹ René Char. “Les compagnons dans le jardin”. Tradução de Edson Passetti e Martha Gambini in *Verve, vol. 17*. São Paulo, Nu-Sol/PUC-SP, 2010, pp. 32-41.

TERRA

AULA-TEATRO 8

25 e 26 de outubro | 19h30

tucarena, puc-sp
[r. monte alegre, 1024]

Retirada de ingressos gratuitos às 18h30



www.nu-sol.org